



PENTAGRAMA

Revista Bimestral do LECTORIUM ROSICRUCIANUM *2005 número 6*

LUZ SOBRE O MÉXICO – I



POPOL VUH

OS POVOS DO MÉXICO

ONDE O SOL E A LUA SE UNEM

A VERDADE DISTORCIDA

PARA CONTEMPLAR O CÉU

AS PEDRAS FALAM

ATLÂNTIDA

ONDE A LUZ UM DIA BRILHOU...

PENTAGRAMA

TEMA DESTE NÚMERO: LUZ SOBRE O MÉXICO – I

Em muitas lendas da América Central,
Quetzalcoatl, a Serpente Emplumada,
é considerado a mais alta manifestação
do divino no mundo das formas...



SUMÁRIO

- 02 INTRODUÇÃO
- 03 POPOL VUH
- 07 OS POVOS DO MÉXICO
- 14 ONDE O SOL E A LUA SE UNEM
- 16 A VERDADE DISTORCIDA
- 21 PARA CONTEMPLAR O CÉU
- 24 AS PEDRAS FALAM
- 26 ATLÂNTIDA
- 31 ONDE A LUZ UM DIA BRILHOU..

ANO 27
NÚMERO 6



INTRODUÇÃO

Esta edição da Pentagrama evoca as ainda pouco conhecidas antigas culturas da América Central que parecem, às vezes, tão misteriosas. Descrito sob diferentes ângulos, o conjunto oferece uma imagem colorida e multifacetada do México. São abordados também alguns desenvolvimentos da época atual.

Foi feito um esforço para reparar um pouco a imagem de uma civilização pagã e limitada que os conquistadores e a Igreja empenharam-se para dar à América pré-colombiana. Nossa intenção foi mostrar que o impulso universal que incita ao restabelecimento e ao progresso da humanidade manifestou-se de diversas formas nessas civilizações.

À primeira vista, o simbolismo das culturas encontradas no México não parece corresponder de modo algum ao simbolismo ocidental nascido das influências gregas, romanas e judaicas. Porém, ao olhar mais de perto, é possível reconhecer uma fonte comum. E

como poderia ser diferente?

A originalidade da presente edição e da próxima está no fato de que estes números “especiais” são inteiramente consagrados a um país, à sua história e à sua cultura. Embora cada artigo baste por si mesmo, reunidos, eles formam um todo que tende a fornecer uma imagem coerente a partir de uma diversidade de elementos. Comparamos essa imagem a uma árvore milenar: embora os galhos e as folhas se espalhem em todas as direções, nas raízes e no tronco circula a mesma seiva proveniente da mesma fonte.

A redação

Escultura de um jaguar, um dos três principais animais dos mistérios da tradição mexicana.



POPOL VUH

Esse é o princípio das antigas histórias... Existia o livro original, tal como foi escrito outrora, mas permaneceu oculto ao pesquisador e ao pensador. Verdadeiramente poderosos são a descrição e o relato da criação universal, de como surgiram o céu e a terra; de como foram repartidos em quatro partes e seus quatro lados marcados por sinais, e como foi medido o espaço do céu e da terra.

Assim começa o prólogo do narrador indígena do *Popol Vuh*, o livro sagrado dos maias, relato de um mito secular da criação do céu, da terra e do homem. É uma das numerosas tradições orais registradas por escrito na Guatemala, na língua dos maias, o quiché. Ele foi chamado também de *O Livro do Conselho*, e compreende duas partes: “a criação e a vida celeste” e “a história de um povo”.

No início do século XVIII, esses textos foram levados ao conhecimento de um jovem padre espanhol, Francisco Ximenez, que havia desembarcado no México, em 1688, numa expedição missionária. O padre transcreveu escrupulosamente o texto e o traduziu para o espanhol. Acredita-se que esse manuscrito ainda exista.

O *Popol Vuh* é, junto com os três códices maias de Dresden, Paris e Madri e alguns outros manuscritos, os únicos escritos remanescentes que testemunham do profundo conhecimento dos maias e de sua cultura. Esses

escritos constituem a mais importante fonte da cultura maia e nos oferecem uma visão de suas percepções e de seu universo mental, até onde podemos compreendê-los. O conteúdo e a linguagem nos parecem estranhos, bem como seu simbolismo, muitas vezes incompreensível. Porém, do conjunto irradia um sentimento de familiaridade, como se fosse algo que reconhecemos, mas cujo significado continua profundamente oculto.

“Esse é o princípio...” assim começa a história da criação entre os maias.

“No princípio...” são as primeiras palavras do Gênesis na Bíblia.

“Quando lá no Alto...” inicia a lenda babilônica da criação, da qual a epopeia de Gilgamesh faz parte.

Uma observação mais apurada mostra que esses três mitos de criação têm uma grande semelhança entre si. Todos descrevem o surgimento do macrocosmo, do mundo e da humanidade com um simbolismo adaptado ao poder de imaginação e à consciência dos seres da época. Eles relatam a história de um homem expulso de um paraíso, de uma torre que subia até o céu, de uma gigantesca catástrofe de fogo e água, de um navio encalhado numa montanha e, finalmente, o retorno ao reino da Luz. O *Popol Vuh* descreve exatamente os mesmos acontecimentos!

POUCO CONHECIDO NO OCIDENTE

Até o presente, o Ocidente não se

interessou muito pela história da criação segundo os maias, talvez pelo fato de o *Popol Vuh* parecer um livro de difícil acesso, e também porque a história da cultura ocidental tem suas raízes nas religiões e culturas judeo-egípcias, grecopersas e indianas. Mas o *Popol Vuh* merece estar em pé de igualdade na série das grandes lendas que nos ligam à aurora da humanidade.

Depois da invasão espanhola e do aniquilamento da civilização maia em 1524, alguns eminentes maias tentaram compilar determinados elementos de sua cultura para a posteridade. Assim apareceu o *Chilám Balám*, obra dos ou sacerdotes-jaguar. As descrições contidas nesses livros e os anais sobre os cultos e crenças religiosas foram velados para que fossem protegidos da Inquisição.

Foi um francês, o abade Brasseur de Bourbourg, que divulgou amplamente a visão dos maias. Em 1861, ele publicou *O Popol Vuh, o livro sagrado e os mitos da Antigüidade americana*. A obra, baseada em grande parte numa versão espanhola do texto de Ximenez, foi encontrada na sucessão dos abades. Tudo que foi publicado depois apóia-se nos escritos e interpretações de Brasseur de Bourbourg.

O texto de Ximenez perdeu-se, após sua morte, em 1730, e acabou num mosteiro da Guatemala. Após muitas idas e vindas, junto com outros manuscritos de Ximenez, o original emergiu novamente. Em 1941, esse manuscrito foi recuperado por Adrián Recinos, adido cultural da Guatemala nos Estados Unidos, que descobriu esse importante documento na Biblioteca de Newberry, em Chicago. Sua tradução, *Popol Vuh, as histórias antigas do quiché*, foi publicada em 1947.

O escritor Wolfgang Cordan (pseu-

dônimo de H. W. Horn), que se interessou apaixonadamente pela cultura maia, conseguiu traduzir e comentar o *Popol Vuh* a partir da língua original dos maias, o quiché. Esta tradução foi publicada pela primeira vez em 1977, com o título: *Popol Vuh, o Livro do Conselho*. Este artigo apóia-se principalmente nessa tradução.

A CRIAÇÃO DO MUNDO

O relato da criação do *Popol Vuh* começa com as palavras simbólicas:

“Eis a mensagem: outrora, o Universo estava em repouso, sem um sopro. Um mundo imóvel e silencioso. E os céus estavam vazios. É a primeira mensagem, a primeira palavra. Ainda não havia nem homens, nem animais. Pássaros, peixes, crustáceos, árvores, pedras, grutas, ravinas não existiam. Nenhuma erva, nenhuma floresta. Só existia o céu.

A face da terra ainda não havia se revelado. Só havia as águas imóveis e o imenso espaço do céu. Nada ainda estava ligado. Nenhum som, nenhum movimento, nenhuma perturbação, nada rompia o silêncio do céu. Ainda nada havia se erguido. Só existia a serenidade da água, a tranqüilidade do oceano, solitário, silencioso. Nada mais.

Imutável e muda estava a noite, a escuridão. Mas na água, irradiada pela luz, estavam o criador e o formador, o vitorioso Tepëu e a Serpente de plumas verdes, Gucumatz, e os procriadores. Eles estavam escondidos sob plumas verdes e azuis: é por isso que se fala da serpente com plumas verdes.

Sua natureza é de grande sabedoria e grande conhecimento. Por isso, existia o céu e o coração do céu, chamado Cabavil, aquele-que-vê-nas-trevas. Assim dizem.



Na escuridão da noite, Tepêu e Gucumatz encontraram-se e conversaram. Assim falando, aconselharam-se e deliberaram. Eles concordaram e seus pensamentos e suas palavras se harmonizaram quando consideraram que, junto com a luz, os seres humanos deveriam surgir. Então, decidiram sobre a criação e o crescimento das árvores e das trepadeiras, sobre o começo da vida e sobre a criação do homem. O coração do céu assim decidiu, na noite e nas trevas.”

As imagens evocadas no *Popol Vuh* – a criação das formas, a evolução da consciência das criaturas, o papel dos deuses e dos semideuses, a descida ao mundo inferior e sua travessia e a realização de milagres – concordam plenamente, por exemplo, com as sete estâncias do *Livro de Dzryan*, traduzido por H. P. Blavatsky, e com a mitologia suméria. Encontramos aí também elementos da antiga tradição egípcia, do Livro do Gênesis e também dos antigos mistérios gregos.

Todas as partes do mundo conservam mitos e tradições milenares que, sob a forma de simbolismo e adaptados a sua civilização, descrevem a criação e o itinerário interior seguido pelo ser humano. Os filhos divinos do Sol, Hunahpú e Ixbalqué (comparáveis ao princípio masculino-feminino do homem verdadeiro), entregam-se ao reino tenebroso da terra, Xibalba, o Hades dos maias, e vencem o mal.

“Depois eles se elevaram, em meio à luz, e alcançaram o céu imediatamente, um se tornou o sol e o outro a lua. A luz preencheu a abóbada celeste e a face da terra.”

O *Popol Vuh* conta que o homem, a quarta criatura, emanou do milho, símbolo do Sol. O homem é, portanto, considerado como oriundo de uma força espiritual, como filho do Sol. Isso concorda indiscutivelmente com a palavra segundo a qual o homem foi criado “à imagem e semelhança de Deus”.

“Dizem que os quatro primeiros homens, Jaguar da Floresta, Jaguar das

A criação do mundo e as criaturas que o povoam.

Diego Rivera (1886-1957)

inspirou-se do *Popol Vuh*, o livro sagrado dos Maias, redigido em quiché no século XVI.

Trevas, Senhor da Noite e Jaguar da Lua foram criados e formados a partir de um mingau de milho e que não tiveram mãe. Eles não sofreram nem nascimento, nem transformação; foram criados por um milagre.”

Desses primeiros homens, o *Popol Vuh* testemunha:

“A inteligência foi-lhes dada. Eles sondavam o interior das coisas e perscrutavam os confins do espaço; eles tudo viam e tudo sabiam. Quando eles olhavam, viam imediatamente tudo em volta, e a abóbada do céu, e o interior da terra.

Eles viam todas as coisas que estavam longe, sem se moverem. Eles viam imediatamente a terra toda e viam tudo a partir do local onde se encontravam.

Grande era sua sabedoria. Sua visão estendia-se até as florestas, as rochas, os iguanas, os oceanos, as montanhas e os vales. Eram verdadeiramente homens maravilhosos: Jaguar da Floresta e Jaguar das Trevas, o Senhor da Noite e Jaguar da Lua...

Eles viam imediatamente todos os homens, e o que havia no mundo... Eles sabiam tudo, de uma só vez, e concretizaram as quatro direções do vento, as quatro direções do céu e da face da terra.”

Mas o criador e o formador os acharam demasiadamente orgulhosos. “Não são eles simples criaturas fabricadas? Deveriam eles também se multiplicar? Refreemos um pouco seus desejos, pois o que vemos não é bom. Deveriam eles, finalmente, ser iguais a nós que os criamos e que somos capazes de olhar ao longe e tudo saber e tudo ver?” Assim falaram e imediatamente transformaram a natureza de sua obra e de suas criaturas.

“O coração do céu jogou um véu sobre seus olhos, que se perturbaram,

como se houvesse soprado sobre um espelho. Seus olhos obscureceram-se: eles só podiam ver o que estava perto e era claro.

Assim desapareceu a sabedoria e o conhecimento desses quatro homens originais do princípio.

Assim foram criados e formados nossos antepassados, nossos pais, pelo coração do céu, pelo coração da terra...

E suas esposas foram criadas. Deus mesmo as fez muito conscienciosas. Assim, durante seu sono, vieram belíssimas mulheres ao lado de Jaguar da Floresta, Jaguar das Trevas, Senhor da Noite e Jaguar da Lua. Seus nomes eram: Água do Céu, Água da Fonte, Água do Colibri, Água do Papagaio. Esses eram os nomes das esposas. As primeiras amantes.

Elas geraram homens de elevada e de baixa linhagem... Seus nomes eram todos diferentes, enquanto se multiplicavam no Oriente... Eles vieram juntos, do Oriente... Nem o sol nem a luz haviam ainda nascido quando se multiplicavam... E houve muitos homens, sombrios e luminosos. Homens de todas as naturezas, com linguagens muito variadas. Era maravilhoso ouvi-los...”

A criação descrita de maneira tão colorida no *Popol Vuh* termina com estas palavras: “Aí, eles viram o nascer do sol. Eles só tinham uma única língua. Eles não reverenciavam nem a madeira nem a pedra e se lembravam da palavra do coração do céu e do coração da terra...”

‘Que a luz seja, que a aurora apareça’, diziam eles, e aguardavam o nascer do sol. E, enquanto aguardavam, viram a estrela da manhã, o astro grandioso que precede o sol, que ilumina a abóbada do céu e a face da terra, e ilumina o caminhar dos homens que foram criados e formados.”

OS POVOS DO MÉXICO



Os primeiros homens do México viviam de caça e colheita. Uma opinião geralmente aceita é que eles teriam sido os descendentes de tribos asiáticas que, atravessando o Estreito de Bering, teriam povoado o continente americano, há 50.000 anos. Hipótese duvidosa, pois na época a América do Norte encontrava-se sob uma espessa camada de gelo.

Os primeiros vestígios de presença humana no México datam de aproximadamente 20.000 a.C. Entre 7.000 e 2.000 a.C., no chamado “período arcaico”, essas populações começaram a se fixar. Entre 2.000 e 1.500 a.C. apareceram os primeiros povoamentos de onde emergiu, assim pensam, uma civilização religiosa e ritualística.

A antiga civilização do México foi dividida em três grandes períodos:

- o período pré-clássico (de 1.500 a 200 a.C.)

- o período clássico (de 200 a.C. a 950 d.C.)

- o período pós-clássico (de 950 a 1.500 d.C.)



Ah Musen Cab, o deus das abelhas não-agressivas, representado descendo dos céus. Também é dito que ele vem de Vênus.

PERÍODO DOS OLMECAS

Os olmecas prosperaram no decorrer do período pré-clássico, chamado de período da cultura-mãe, no decorrer do qual apareceram nas planícies do Golfo do México os primeiros centros de cerimoniais religiosos, assim como as pri-

meiras construções de pedra com estrutura piramidal. Os centros mais importantes foram San Lorenzo (1.200 a.C.) e La Venta (900 a.C.). Ninguém pode dizer a idade da civilização olmeca, nem de onde ela provém. Contudo, muitos indícios testemunham de relações com o continente africano. Existem ruínas surpreendentes: o que pensar de uma plataforma artificial de mais de 30 metros de altura sobre a qual se ergue uma imensa construção de 1,2km de comprimento por 700m de largura? Famosos bustos de pedra com traços negróides, cabeças monolíticas gigantes, que pesam mais de 20 toneladas? E ainda não foi exumado nenhum esqueleto olmeca. No entanto, o cálculo binário e o calendário maia provêm certamente dos olmecas, ou de seus predecessores. As descobertas arqueológicas recentes mostram que a civilização dos olmecas surgiu de uma só vez, em seu nível mais elevado. Como pode ser? Como um povo chegou a uma arte tão refinada e de tal valor? Há fenômenos que apresentam



Tula – Estátuas de nove metros de altura chamadas *Os Atlantes*.

cidade do México) apareceram duas civilizações no final do período pré-clássico: a de Cuicuilco, cujo primeiro templo foi destruído por um vulcão em 100 d.C., e depois floresceu a civilização de Teotihuacã. Essa cidade-templo, ao norte da cidade do México, e que lhe deu origem, é muito antiga. Teotihuacã se desenvolveu no início do período clássico até se tornar uma metrópole de mais de 200.000 habitantes e uma das maiores cidades do mundo. Seu maior desenvolvimento ocorreu entre 250 e 700 d.C. Ela foi devastada em 725 e, dois séculos mais tarde, foi completamente abandonada.



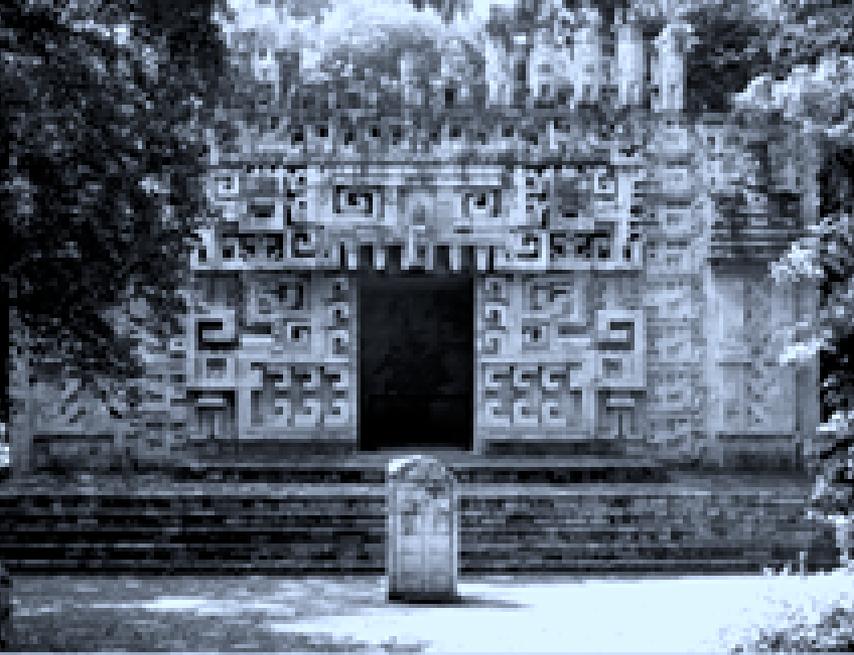
Ao mesmo tempo, em Veracruz, desenvolveu-se a cultura de El Tajin, especialmente conhecida pelo “jogo da bola” que, também entre os maias, fazia parte dos rituais. Os maias ocuparam um enorme ter-

ritório: 900 km de norte a sul; do litoral norte de Iucatã ao Oceano Pacífico, e 500 km de nordeste a sudoeste, entre a foz do rio Usumacinta e o golfo de Honduras.

Havia aí três grandes regiões, tendo, cada uma, formas culturais específicas e uma história própria: a região alta da Guatemala e de El Salvador no litoral do Oceano Pacífico, a região baixa a nordeste de Chiapas e ao sul de Cam-



Essas enormes cabeças de pedra encontram-se nos principais centros olmecas do México.



Seção consagrada aos maias. Museu Antropológico da cidade do México.

peche, e a vasta região ao norte, a atual península de Iucatã.

A maior concentração conhecida da cultura maia encontra-se a leste da cidade do México, na cidade de Chiapas e em Iucatã. A primeira civilização maia data de aproximadamente 300 a.C. e vai até 250 d.C. As inscrições mais antigas datam de 292 a.C. e encontram-se em Tikal, na Guatemala. No período clássico, essa civilização prosperou principalmente nas planícies e alcançou seu apogeu entre 300 e 800 d.C. No final, ainda houve um grande desenvolvimento na península de Iucatã. Depois surgiu o famoso estilo Puuc (300-800 d.C.) e o célebre templo de Chichén Itzá. Entre 950 e 1.200 a.C., a maioria das cidades dessa região foi abandonada, algumas

delas repentinamente. Chichén Itzá ainda alcançou um apogeu entre 1.000 e 1.250 d.C., mas sua invasão por uma nova população vinda do noroeste causou sua perda. Uma das teorias diz que esses invasores foram os toltecas, que dominaram durante o período pós-clássico.

A influência social e espiritual dos maias irradiou por toda a América Central. Os toltecas, cujo nome significa “mestres-construtores” em náhuatl, e que descendiam dos náhuatlacas ou náhuas, fundaram uma *teocracia* estabelecida nos princípios religiosos dos maias. Em seguida, quando o povo maia entrou em decadência e a violência militar dos toltecas se fez sentir, e depois a dos astecas, os princípios espirituais se perderam e o véu da ignorância caiu sobre o significado dos rituais praticados pelos sacerdotes. A capital dos tol-

tecas era Tula, da qual se sabe muito pouco. O monumento mais extraordinário dessa cidade é a pirâmide de Quetzalcoatl, também chamada de Pirâmide da Estrela da Manhã. Num vasta esplanada erguem-se os famosos *Atlantes*, quatro imensas estátuas de basalto, que, com suas quatro colunas, deviam sustentar o teto de um templo desaparecido. Mais além, descobre-se o *Coatpantli*, o Muro da Serpente, do lado norte da pirâmide. Esse muro, de dois metros de altura e de quarenta metros de comprimento, possui um baixo-relevo denso de serpentes engolindo seres humanos.

A religião original dos náhuatl permite estudar esquematicamente as três representações do mundo do império tolteca. Essas três concepções concordavam com a cosmogonia pré-clássica dos maias e formavam a base da sociedade pré-colombiana. Fundamentada originalmente na magia, esta última recebeu, em seguida, uma estrutura religiosa, que, por sua vez, constituiu uma es-



A TORRE QUE SUBIA ATÉ O CÉU

trutura social. Segundo a ciência esotérica, essas três fases precedem a formação de uma civilização. Nenhuma cultura o mostra mais claramente do que a do antigo México.

Outras teorias foram emitidas sobre a natureza da civilização tolteca. Os descendentes atuais dos toltecas afirmam que não devemos considerá-los como um povo, mas, sobretudo, como um grupo de homens sábios e talentosos, a serem, talvez, comparados com os caldeus da antiga Mesopotâmia.

Pensa-se que os toltecas, antes dos astecas, dominaram o centro e o sul do México atual. Os toltecas estavam no auge de sua

No princípio, antes que a luz do sol fosse criada, esse lugar, Cholula, estava na escuridão e nas trevas; tudo aí era plano, sem colinas, nem alturas, nem árvores, nem coisas criadas; a água cercava de todos os lados.

Assim que o sol e a luz ergueram-se ao leste, apareceram homens gigantescos, com estranha estatura, que tomaram posse da terra. Ofuscados pela beleza do sol e da luz, eles decidiram construir uma torre tão alta que seu topo alcançaria o céu. Uma vez reunidos os materiais necessários, eles encontraram argila e argamassa especialmente resistentes com as quais se puseram imediatamente a construir.

Depois da edificação da torre que subia até o céu, o Senhor irritou-se e disse aos habitantes do céu: “Vistes como os da terra elevaram até aqui uma torre orgulhosa a fim de se fartar de sol e de beleza? Vinde aniquilá-la porque não é bom que os da terra, que vivem na carne, entrem em contato conosco.”

Imediatamente os habitantes do céu lançaram raios que destruíram o imenso edifício e dispersaram os habitantes pelos quatro cantos da terra.

grandeza no século X, até seu declínio no século XIII; os astecas se propagaram nos séculos XIV e XV. Seu império estendeu-

se sobre as regiões centrais, do golfo do México até o oceano Pacífico, e de Bajío até Oaxaca (Huaz-yacac).



Este baixo-relevo, descoberto num sítio olmeca, em La Venta, parece representar um navegador fenício. Interpretação corroborada pela descoberta de pedras, em 1976, em Comalco, na costa caribenha, datando dos primeiros séculos d.C. e levando inscrições em neo-fenício e em antigo líbico. Numa delas está marcado: “*Yasma Hamin*”, que significa: “protegido por Cristo”.



Quando os espanhóis, em 1519, desembarcaram no Golfo do México perto de Veracruz, foi o fim da civilização mexicana. O chefe europeu, Hernan Cortés, cuja vinda foi tomada no início como o retorno do deus Quetzalcoatl, revelou-se logo como o anjo da morte. Para ele, as vidas humanas não contavam e ele só tinha ganância por prata e ouro. Nos anos seguintes, enquanto a poderosa Igreja se estabelecia no país, os espanhóis queimaram, escravizaram ou massacraram milhões de indígenas. Os conquistadores mostraram uma ferocidade indescritível, assim como no Peru e na Bolívia. Os padres e a Inquisição fizeram desaparecer tudo o que puderam encontrar de rolos e manuscritos de uma cultura que, a seus olhos, era pagã. Eles apagaram até os nomes originais das diferentes populações, dando-lhes o nome de maias. Os espanhóis varreram assim, como num furacão, a cultura milenar das Américas Central e do Sul. O assim chamado politeísmo foi completamente erradicado. Eles procede-

Visão geral da localização dos diferentes povos do México.



Calendário asteca.

ÉPOCA DE PERTURBAÇÃO

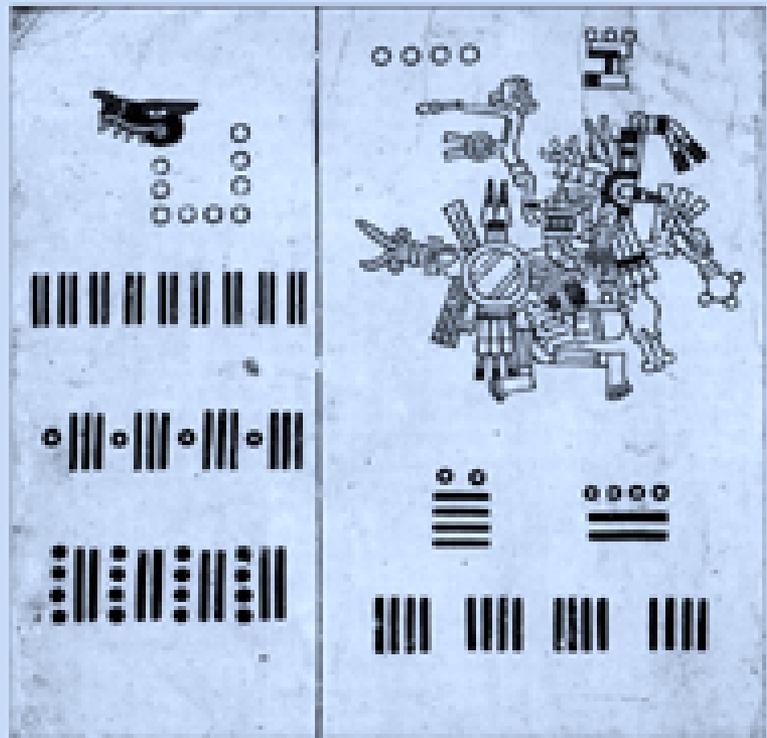
O período pós-clássico foi muito perturbado. Grupos vindos do norte invadiram regularmente o país. O antigo templo abandonado de Tenochtitlã na cidade do México, foi retomado por aqueles que se chamaram mais tarde os

mexicanos, um novo povo cuja origem é assunto de um mito. Eles alegam vir de uma ilha branca do nordeste: Aztlã. Os conquistadores espanhóis chamaram-nos de astecas. No período pós-clássico, antes de sua colonização pelos espanhóis, esse povo tinha instintos dominadores. Eles ampliaram seu reinado até as regiões dos antigos maias e adotaram muitos aspectos culturais das populações que os haviam precedido. Em certo sentido, poderiam ser comparados aos romanos, na Europa, povo muito centrado na matéria. Os maias, assim como os primeiros toltecas e os purépechas (chamados de tarascos pelos espanhóis), tinham uma certa semelhança com os gregos apaixonados por filosofia.



ram a uma cristianização em regra, e todo o México teve de se submeter à Igreja romana. Mas os mexicanos jamais renegaram totalmente seu passado, e essa mistura de populações que professavam a fé católica permaneceu impregnada de tradições e ritos indígenas. O período colonial durou até 1823. Depois, chegou a luta pela independência, que persistiu até 1910. Os mexicanos tiveram, então, de lutar contra a França, a Áustria e os americanos. A última guerra, que os opôs a seus vizinhos dos Estados Unidos, despojou-os do Texas, do Novo México, do Arizona e da Califórnia, a metade de seu território da época. Nenhum outro país no mundo teve tantos presidentes assassinados.

Notamos, ao mesmo tempo, que um vento de renovação soprava no mundo. Das últimas décadas do século XIX ao início do século XX, surgiram poderosas aspirações à liberdade, tanto espiritual como social; impulsos que anunciavam uma nova era e acarretaram o surgimento de movimentos como a



teosofia, a antroposofia e a Rosacruz moderna, mas também o socialismo e o comunismo.

Na mesma época, entre 1910 e 1920, ocorreram a revolução mexicana e a revolução russa. Nos anos sessentas do último século, Paris e Amsterdã foram o palco de uma rebelião estudantil. Em 1968, na cidade do México, na véspera dos Jogos Olímpicos, o exército matou milhares de estudantes contestadores. Conta-se também que os quatro representantes dos náhuatl, zapotecas, maias e toltecas e o sucessor de Cuauhtemoc, o último

Um exemplo de expressão binária.

imperador mexicano, desapareceram de modo misterioso. Pode-se dizer que a história do México é extremamente movimentada.



ONDE A LUA E O SOL SE UNEM

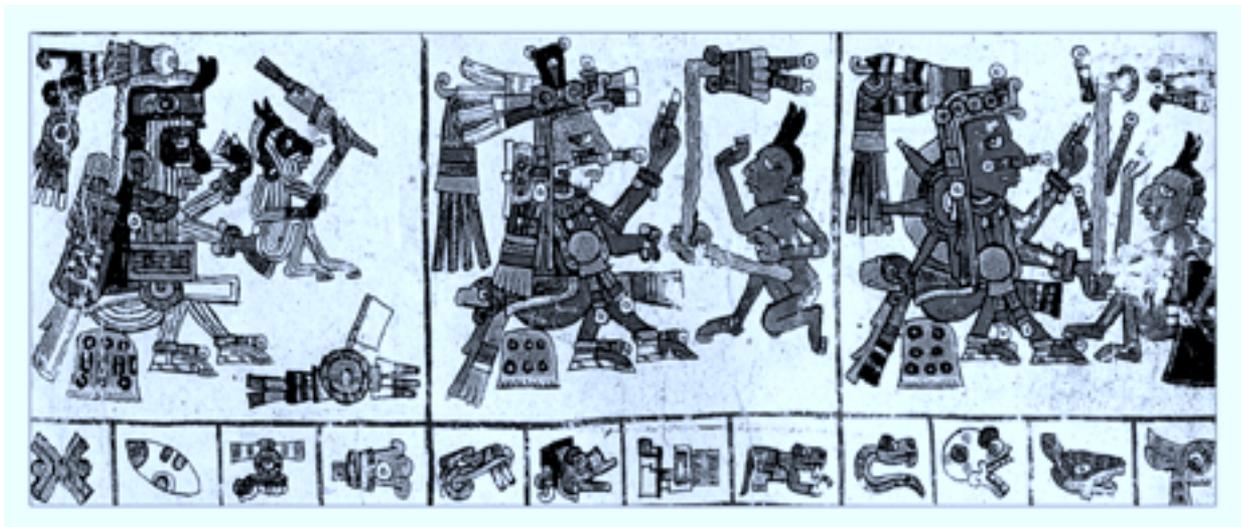
As tradições e concepções de vida dos seres humanos de épocas remotas decorreram de uma consciência que hoje desconhecemos e que talvez nos seja difícil compreender. Entretanto, o Altíssimo aí se expressava tal como hoje em dia, deixando seus vestígios, a marca dos deuses.

Os historiadores e arqueólogos, com base em suas descobertas, oferecem-nos relatos que constituem apenas pontos de vista parciais de culturas muitas vezes incompreendidas, pois trata-se de níveis de consciência bas-

tante diferentes do nosso. A isso devemos acrescentar que nossa visão é distorcida pela cultura desprovida de luz que marca nosso tempo e que subordina tudo à pretensa superioridade e conhecimento do observador.

A verdade é atemporal; ela se expressa em todos os tempos de acordo com as possibilidades da época. As diferentes civilizações e grandes culturas como as da Índia, da Pérsia, da Mesopotâmia, da China, do Egito e da Grécia, dão provas incontestáveis dessa verdade.

Podemos dizer o mesmo da rica cultura do antigo México. É um país



que nos surpreende e nos convida a explorar seu solo e o interior de nós mesmos. Esse país tem muito a nos dizer se podemos tão-somente senti-lo e compreendê-lo. Seu nome deriva de um mantra secreto utilizado pelos sacerdotes de Quetzalcoatl: “*Me-xihc-co – Me-xihc-co – Me-xihc-co*”, que significa “o lugar onde a lua e o sol se unem”; ou seja: o lugar onde a alma e o Espírito se reúnem e se tornam um.

O México atual tem uma superfície de quase dois milhões de km², ou seja, ele é quatro vezes maior que o estado de Minas Gerais. Sua história cobre muitos milênios, no decorrer dos quais floresceram numerosas culturas que deixaram uma grande quantidade de vestígios. Suas pirâmides, templos, mitologias e calendários solares atestam que essas civilizações foram sustentadas e guiadas por impulsos espirituais.

Entre as muitas culturas que puderam se desenvolver nesse país tão especial, duas ocupam um lugar preponderante: a cultura dos *maias* e a cultura dos *náhuas*. Existiram também os bem conhecidos povos *tolteca* e *asteca*, e o mais recente, o *mixteca*,

todos ancestrais dos mexicanos atuais. Quanto aos *olmecas*, pouco ou quase nada se sabe a seu respeito.

A exemplo dos incas no Peru e na Bolívia, os maias são, sem dúvida, o povo mais célebre da história das Américas Central e do Sul. Porém, existiram culturas anteriores significativas no antigo México, que formaram a base para o desenvolvimento de numerosos elementos da cultura maia.

Com seus três mil vulcões, o México é tido como um país particularmente instável, palco de incessantes abalos sísmicos e erupções de uma violência tão imprevisível quanto destrutiva. Ainda recentemente, em 1985, um tremor de terra atingiu a cidade do México, matando milhares de pessoas e demolindo numerosos imóveis. País de todas as contradições, cujo povo lança orgulhosamente seu conhecido grito: “Viva México!”, ao longo dos séculos de opressão, de exploração, de corrupção e de humilhação, através de todos os declínios de onde soube se erguer. Possa esse país conhecer novos apogeus culturais e espirituais, permitindo assim “à lua e ao sol se unirem”.

O Códice
Fejervary-Mayer,
um dos raros
documentos
pré-hispânicos do
México que foram
preservados.

A VERDADE DISTORCIDA

Toda a história contada sobre os indígenas e as culturas mexicanas deve ser aceita com certa cautela, seja porque a verdade foi omitida, seja porque ela foi desnaturalada. Permanecem, felizmente, monumentos que falam por si só. Os vestígios de arquiteturas e esculturas testemunham de civilizações florescentes, fundamentadas em valores e conhecimentos universais que estão à disposição dos seres humanos ao longo de sua viagem terrestre.

Os oni, pluri, mega-universos, qualquer que seja o nome que lhes seja dado, surgem e desaparecem na imensidão do espaço no decorrer de tempos incomensuráveis. Fantásticos desenvolvimentos aí ocorrem. Milhares de sistemas estelares e nebulosas, em todos os estados da matéria, aí gravitam, assim como incontáveis sistemas solares e planetas compostos de átomos cuja estrutura nuclear é a mesma no Universo. Então, surge a pergunta: Por que tudo isso existe? Qual é o objetivo? A terra e o homem, a lua e o sol, não são independentes do restante do Universo. Na imensidão do Universo, tudo depende de tudo, tanto no infinitamente grande como no infinitamente pequeno.

Na filosofia dos Ubuntu da África do Sul, que poderíamos supor ser primitiva, há esta frase tão profunda: “Teu sofrimento é meu sofrimento,

teu reino é meu reino e tua salvação é minha salvação”.

Diante da amplidão insondável da criação e sua idade incomensurável, fica estranho acreditar que o fenômeno “homem”, com sua cultura e sociedades, tenha surgido somente há 6500 anos, conforme querem nos fazer crer a ciência e a religião tradicionais.

NOVAS DESCOBERTAS

Na década de 20 do século passado, foi descoberta, no sul da cidade do México, uma pirâmide com degraus, de arquitetura complexa, tanto mais notável por ser circular. Como consequência de uma desconhecida erupção vulcânica, que os geólogos foram convidados a datar, a pirâmide estava soterrada por uma camada de lava. Para espanto geral, concluíram que a erupção vulcânica ocorrera há pelo menos sete mil anos. Os historiadores e arqueólogos recusaram veementemente essa datação, pois ela não concordava com as teorias estabelecidas: era simplesmente impossível. Ninguém queria admitir que numa época tão remota houvesse existido, no México, uma civilização capaz de construir pirâmides. O arqueólogo americano, Byron Cunnings, que desenterrou a pirâmide, declarou, ao contrário e sem rodeios, que o templo havia desmoronado oito mil e quinhentos anos antes de nossa era, ou



Cabeça de jaguar em pedra.

seja, mil e quinhentos anos antes da erupção. E aí vemos com espanto as facções conservadoras da ciência e da religião maravilharem-se diante dos vestígios das sociedades antigas, altamente desenvolvidas cultural e espiritualmente, antes de concluir, de modo categórico, que é preciso considerar todas essas culturas como “formas de politeísmo pagão”, sem ao menos suspeitar que poderiam ter sido inspiradas pelo único Criador de todas as coisas.

Recentemente, cientistas demonstraram que a terra, assim como toda a manifestação, está incluída num gigantesco campo energético na memória do qual está armazenada a totalidade das informações e dos acontecimentos do passado. Inconscientemente, os homens se suprem de certos conhecimentos a partir dessa memória. As civilizações erguem-se umas após as outras, herdando do conhecimento e da sabe-

doria de seus predecessores. Contudo, a humanidade tem incessante necessidade de ser recolocada no bom caminho. Mensagens destilam-lhe, por assim dizer, um saber pleno de solicitude, oriundo de uma outra realidade que orienta sua marcha evolutiva.

É o desenrolar infundável do “subir, brilhar, descer”. De todas essas experiências, entretanto, nada se perde. Tudo é registrado tanto no cosmo como no microcosmo. A vida do homem é registrada na *lipika* de seu microcosmo, e esses registros constituem o ponto de partida da existência seguinte. Em uma escala maior, acontece o mesmo com a terra e o Universo.

ONDAS DE PROBABILIDADE

O homem possui uma memória, embora ela falhe às vezes. A terra também tem uma memória que, a

O SIMBOLISMO MAIA

Na antiga cosmologia maia, a terra é descrita como sendo plana e quadrangular. Cada canto é localizado em um ponto cardinal e tem uma cor: vermelho para o leste, branco para o norte, preto para o oeste e amarelo para o sul. O centro é de cor verde.

Para eles, além da superfície da terra habitada pelos homens existem treze estratos celestes que se elevam a partir do estrato terrestre. A palavra maia para “céu” é semelhante à palavra para “serpente”. Esses céus são sustentados por quatro deuses de imensa força física. Igualmente, o mundo subterrâneo é dividido em nove diferentes níveis, empilhados uns sobre os outros, cada nível regido por um senhor da noite.

Pirâmides escalonadas simbolizam essa estrutura do Universo, do mais baixo estrato até o topo espiritual. A escalada dessa “montanha sagrada” simbolizava o caminho espiritual que um dia todos os homens deveriam galgar. Essa grande montanha era também vista como uma grande árvore que mergulha suas raízes no mais profundo da terra, e eleva-se até aos céus.

Na experiência dos maias, o renascimento é alcançado depois que os nove senhores da noite são vencidos dentro do homem. A morte, uma vez vencida, significa a elevação ao reino de Quetzalcoatl, a Serpente Emplumada. O filho do Sol se eleva de todas as limitações. Aqui, o morcego é o símbolo da morte. A ressurreição é simbolizada pelo pequeno pássaro quetzal, que representa o Bem supremo, Quetzalcoatl, o rei do céu e da terra.

princípio, é acessível a todos. Os cientistas a chamam de campo de energia ponto zero. Há muito tempo que os esoteristas já falavam de “registros akáshicos”, que são como um livro cujos registros são sempre traduzidos em energia. Alguns homens possuem a faculdade de ler

esses registros. Eles podem reconhecer, entre outras coisas, quais acontecimentos se desenrolaram e como terminaram.

Para a grande maioria dos homens, o campo de energia ponto zero permanece um livro selado, e eles têm dificuldade em aceitar esse conhecimento, pois esses registros ainda lhes inspiram um certo ceticismo. Desconfiados, querem tudo controlar, tudo provar.

Contudo, a física quântica nos esclarece: ela descreve as ínfimas partículas de matéria como sendo “ondas de probabilidade”. O que significa que antes de serem percebidos esses quantas são apenas probabilidades, mas ainda não são realidades.

O homem pode fazer da probabilidade uma realidade; ele pode conscientemente elevar-se à energia potencial que, desde o princípio, está presente em sua alma sob a forma de qualidades; ele tem o poder de penetrar no círculo da atenção. A probabilidade torna-se, então, realidade. Está o homem, aí, no limite de seus poderes sutis? Esses limites devem recuar, ou ele deve ultrapassá-los?

O HOMEM FAZ PARTE DO TODO

A experiência religiosa dos indígenas levou-os a pensar que os ossos permanecem e que somente a alma pode empreender a viagem que conduz à união com o sol espiritual. Os maias viam o homem como sendo composto de um corpo físico (*widil-lil*), de uma personalidade astral (*pixã*), que dá ao corpo físico sua forma, e de um espírito que dá a vida (*inhã*). *Widil-lil* significa estar em constante vibração; *pixã* é a alma que transmite a vibração; *inhã* é o espiri-

tual em perpétuo devir.

Os indígenas acreditavam igualmente que o homem reencarna em diferentes épocas e lugares e que a finalidade da existência é adquirir múltiplas experiências a fim de que a alma aprenda a conhecer sua especificidade. O mais importante para os maias é ver que tudo faz parte de nós mesmos e sentir que somos unos com a Criação. Essa compreensão possibilita a modificação de nossos hábitos de comportamento egocêntricos. É a única maneira de alcançar a harmonia.

As diferentes culturas indígenas mexicanas que se sucederam sempre ensinaram que este mundo é uma ilusão e um mundo de sonhos. Os próprios indígenas não se consideravam como habitantes da terra, mas como filhos do Sol. As religiões do Sol, em todos os lugares, são transmitidas pelas alegorias de todas as velhas lendas e pelos relatos esotéricos da humanidade.

Dois ou três cronistas espanhóis relatam cerimônias no decorrer das quais o coração das vítimas era arrancado, mas suas crônicas, que davam a versão dos conquistadores, foram publicadas somente quarenta anos depois de serem escritas. O único cronista – duvidoso – que escreveu uma história sobre os astecas é Bernal Diaz del Castillo. Seu homólogo, para os maias, é o franciscano Diego de Landa. Somente Bernardino de Sahagun, um outro franciscano, é digno de fé, pois ele compilou uma história dos astecas, de sua religião e mitologia, apoiando-se numa comunicação com os indígenas e no estudo de seus ideogramas. Em seguida, as autoridades espanholas interditaram seus livros.

No livro *A história não contada*

SACRIFÍCIOS HUMANOS

Eis o excerto do livro

A conquista da Nova Espanha, redigido pelo mercenário Bernal Diaz, que foi publicado em 1568, cinquenta anos depois de ter sido escrito. Ele fez dos indígenas canibais que consomem carne humana com molho de tomate apimentado.

“...Vimos como nossos companheiros foram feitos prisioneiros após a derrota de Cortés. Eles foram arrastados escada acima para serem sacrificados aos deuses... Eles tiveram de dançar em honra de Huitzilopochtli. Depois de terem dançado, foram estendidos de costas sobre uma estreita pedra de altar. Seus peitos foram abertos e seus corações palpitantes arrancados e ofertados aos deuses.

Em seguida, os corpos foram empurrados escada abaixo a pontapés. Embaixo, aguardavam os açougueiros indígenas que cortaram braços e pernas e arrancaram a pele dos rostos.

A pele foi preparada e transformada em luvas de couro, guardadas para grandes celebrações. Depois, participaram de uma refeição de carne humana com molho de tomate apimentado.”

dos antigos maias, de Linda Schele e David Freidel, o prefácio diz o seguinte: “A idéia de que existem tantas realidades quanto sociedades parece, para muitos de nós, uma novidade. No entanto, vemos o mundo através de um filtro, quer disso estejamos conscientes ou não.



Relevo da deusa
Coyolxauqui.

Interpretamos o real em função da sociedade à qual pertencemos; e essa interpretação determina, por sua vez, a sociedade, bem como outras interpretações totalmente diferentes determinaram outras sociedades através do mundo.”

Os conquistadores ocidentais, assim como testemunha a história mais do que eloqüentemente, não tinham outra paixão a não ser a do ouro. Em sua avidez, e em nome de Deus, eles passaram pelo fio da espada centenas de milhares de indígenas. Assim como no Egito antigo, o ouro não tinha nenhum valor especial no México. Ele só servia para a decoração e a fabricação de ornamentos.

Os relatos míticos de todos os tempos mostram que o princípio divino só quer salvar o homem da matéria. Por isso a Luz se oferta incessantemente a ele e nele. Tanto nos relatos dos maias como nos dos astecas, os deuses descem no mundo subterrâ-

neo, o país de Xibalba. Lá, eles são – a não ser por pouco – vencidos e mortos pelos poderes das trevas. Mas os deuses são imortais e renascem sempre sob uma forma ou outra. O *Popol Vuh* narra este mito: a Luz se oferta às trevas do coração humano para que o homem, por vontade própria, vença seu desejo de se esconder no mundo das sombras. Depois disso, ele poderá ofertar, simbolicamente, seu coração ao Criador.

PARA CONTEMPLAR O CÉU



Foto da Pirâmide do Sol e do Caminho dos Mortos da Pirâmide da Lua. Cientistas como Hancock também chamam o caminho dos mortos de “o caminho das estrelas”.

“O lugar onde o homem se torna Deus”: era assim que um belo folheto sobre o México definia as Pirâmides do Sol e da Lua, edificadas na monumental cidade de Teotihuacã, “para, ali, contemplar o céu”. Ao lermos isso, logo surge a seguinte pergunta: quem contemplaria o céu a partir dessas pirâmides e com que objetivo?

A mesma pergunta também pode ser feita a respeito de todos os monumentos semelhantes espalhados pelo mundo: no México, no Peru, na Bolívia, no Egito, no Camboja, os hieróglifos da planície de Nazca que, sem

dúvida alguma, têm uma relação com o céu e as estrelas, e por fim, a Ilha de Páscoa, denominada “os olhos que contemplam o céu”, ou ainda “o umbigo do mundo”.

FATOS...

Em 2004, o governo mexicano foi o primeiro no mundo a reconhecer a existência dos OVNI (objetos voadores não identificados). Com isso, ele conscientemente pôs um fim à recusa de outros governos a renderem-se às evidências, e assim isso se tornou um fato estabelecido! Imaginemos, por um momento, o seguinte:

O REI ANÃO DE UXMAL

Segundo a lenda, a cidade maia de Uxmal foi construída por um anão com o auxílio de forças mágicas. Uxmal significa “construído três vezes”.

Do ovo de um mago nasceu uma criança anã. Um dia aconteceu de ele tocar o gongo, o que era proibido. Sabia-se que quando o gongo soasse, o soberano deveria ceder seu trono a um jovem que “não fosse nascido de mulher”.

O soberano queria condenar o jovem à morte, mas não antes que ele realizasse três tarefas, praticamente irrealizáveis.

Uma dessas tarefas era construir a Pirâmide do Mago em uma noite. O jovem saiu-se bem em sua tarefa, porém o soberano continua querendo levá-lo à morte. Inicia-se, então, um combate, no qual o soberano é quem perde a vida. E, assim, o anão se torna o rei de Uxmal.

quando verificamos que ainda não somos capazes de determinar com precisão a idade das pirâmides de Teotihuacã nem tampouco a das pirâmides do Egito que, segundo os arqueólogos, datam de apenas alguns milhares de anos, uma simples frase como: “edificadas para, ali, contemplar o céu”, provoca o efeito de uma ducha fria. Pensemos igualmente na recente descoberta de conchas e de restos de animais marinhos na base das grandes pirâmides do Egito e da esfinge, que remontam pelo menos a 11.500 anos e que provam que a erosão da esfinge não se deve à areia, mas à água. As pirâmides já estavam lá naquela época!

Já no início do último século descobriu-se entre as duas camadas mais altas da Pirâmide do Sol, em Teotihuacã, uma espessa camada de mica. Sendo bastante valiosa, a mica foi vendida discretamente. Evidentemente, ninguém perguntou de onde ela viera. No final do século passado, mais mica foi descoberta em Teotihuacã, desta vez no assim chamado “Templo da Mica”. Esse templo faz parte de um conjunto de construções que cercam uma esplanada situada a aproximadamente trezentos metros da Pirâmide do Sol. Ali foram descobertas, logo abaixo de um chão de pedras, portanto invisíveis ao olhar, duas enormes placas de mica de vinte e sete metros quadrados colocadas uma sobre a outra. Esse tipo de mica só é encontrado no Brasil, a três mil quilômetros de distância.

As placas dão a impressão de terem sido colocadas ali com um propósito definido, porém ignorado. Em nenhuma outra parte do mundo foi encontrada semelhante utilização da mica.

A mica é muito adequada para aplicações técnicas: graças a seu poder de isolamento térmico e elétrico, ela é atualmente empregada na produção industrial de condensadores. Impermeável aos nêutrons acelerados, ela é igualmente utilizada na regulação dos reatores nucleares.

...E PROBABILIDADES

É bem possível que o homem não esteja sozinho no Universo. E que a Terra não seja o único planeta habitado. Mesmo na hipótese mais conservadora e nas estimativas mais prudentes concernentes à atmosfera, à distância até o Sol e à composição química de outros planetas, existem pelo

menos cem milhões de planetas nos quais poderia haver vida semelhante à vida que existe na Terra. Em seu livro *A vida no Universo*, editado pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts, John Billingham chega à seguinte conclusão: “Existe um número suficiente de elementos que permite aos cientistas afirmarem a existência de vida orgânica, e provavelmente de vida inteligente, como sendo parte intrínseca da evolução cósmica, e não apenas como algo accidental no planeta Terra”.

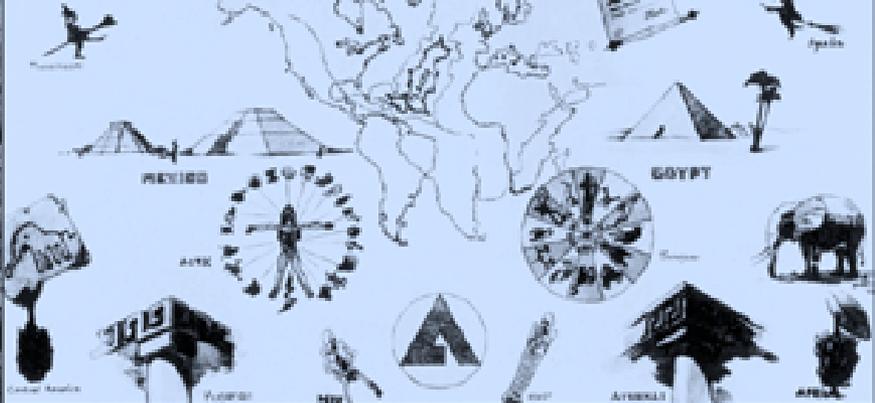
Semelhante conclusão permite-nos dizer com alguma segurança que o homem não está sozinho no Universo. Outros cálculos, menos restritivos, admitem que cinco por cento de todos os sistemas solares poderiam ser capazes de portar vida, o que corresponde a aproximadamente cem bilhões de planetas. Outros cientistas, utilizando a famosa equação de Drake, fizeram pesquisas, em 1979, e concluíram que existem, só em nossa galáxia, quase um milhão de sociedades avançadas. Drake já havia computado em 1960 que só em nossa Via Láctea poderia haver pelo menos dez mil civilizações tecnologicamente desenvolvidas. De acordo com recentes estimativas, existiriam em nossa Via Láctea pelo menos cem bilhões de sistemas solares, e no Universo, muitas dezenas de bilhões de nebulosas, que “emergem” cada vez mais em nosso campo de visão. Dessa forma, não é só totalmente improvável que apenas a Terra seja habitada, como esse também é um pensamento realmente limitado!

Então, teríamos em comum com outros seres não apenas um corpo de matéria grosseira, como o nosso. Com efeito, somos seres animados, esculpido numa matéria constituída

de carbono, nitrogênio, oxigênio e hidrogênio, que possui certa vibração. O que acontece se essa vibração se eleva e já não é, para nós, perceptível? A Bíblia fala acerca de corpos terrestres e de corpos celestes. E a Bíblia se dirige a homens terrestres, e não a habitantes do Sol, de Marte, Mercúrio, Júpiter, Saturno, Vênus ou de outros planetas e astros de nosso distante Universo. Sob essa perspectiva, o fato de as Pirâmides do Sol e da Lua, em Teotihuacã, o lugar onde o homem se torna Deus, terem sido erigidas *para que se possa, ali, contemplar o céu*, passa a ter um sentido totalmente diferente; um sentido que vai muito além da existência de discos voadores.

As pirâmides mostram ao homem o sentido de sua existência terrestre. Seria bom ou, melhor dizendo, perfeitamente correto, que ele se dispusesse a reavaliar a visão que tem de si mesmo, dos céus, da criação inteira e, sobretudo, de Deus.

Não devemos compreender a expressão *o lugar onde o homem se torna Deus* unicamente de forma intelectual, mas devemos fazê-lo em outro nível. Essa expressão oculta uma profunda alegoria. O homem se torna Deus ou divino quando se desprende do tempo e de tudo o que se relaciona a ele. As pirâmides são um testemunho da vitória sobre o que é terreno, mediante a morte do ser natural e o renascimento na verdadeira Vida.



AS PEDRAS FALAM



As pirâmides são monumentos funerários, templos-sepulcros de natureza e importância extraordinárias. Dessas construções emana uma força misteriosa que durante milênios excitou a curiosidade e que ainda assombra diariamente a multidão de visitantes.

Muitos conhecem as figuras das grandes pirâmides do Egito. Esses testemunhos monumentais do longínquo passado da humanidade podem ser vistos a grande distância. Suas quatro faces triangulares inicialmente estavam recobertas de mármore branco luminoso, dizem as lendas, e o cume era revestido de ouro. A reverberação do sol nelas devia ser maravilhosa. Que mensagem elas traziam? A quem, e por que? Embora nesse meio tempo os ladrões a tenham saqueado, as pedras continuam a falar.

Um pouco menos conhecidas, porém não menos impressionantes e importantes, são muitas pirâmides do México. As mais conhecidas pirâmides do centro do país são as do Sol e da Lua, que sofreram grandes mudanças externas, assim como as pirâmides de degraus dos santuários maias em Iucatã. Elas também têm um significado astronômico. E são milagres de precisão geométrica. O número *pi* e a relação *phi* provam ser um critério universal.

O que essas pirâmides têm a dizer? Terão elas caído do céu sem mais nem menos, ou foram projetadas simplesmente por hobby? Não, isso é impos-

sível. Sua localização é estritamente determinada em relação às estrelas, bem como a orientação das câmaras e das galerias subterrâneas. A linguagem desses edifícios não pode ser facilmente compreendida. Apenas o homem de coração e espírito abertos pode compreendê-la. Essa linguagem antiga fala das razões e do sentido da existência. Por um lado, ela diz que não há nada de novo debaixo do sol, que tudo já existiu e se repete incessantemente, tendo a morte como o final da vida. Por outro lado, ela também indica, em caracteres luminosos, o caminho que devemos seguir para sairmos do labirinto da existência terrestre e do antro da morte.

Os homens do Ocidente falam do céu ao qual devem retornar. Para os indígenas, o lugar do repouso eterno é o centro do Universo. Os maias conheciam os grandes períodos de desenvolvimento da humanidade e os chamavam de “ciclos” ou “sóis”. Quatro deles já quase passaram. Aproximamo-nos, atualmente, do início do período do quinto “sol”, do qual testifica o livro sagrado dos maias, o *Popol Vuh*.

À esquerda: baixo relevo maia com o colapso de um templo-pirâmide e seu desaparecimento sob as águas, um vulcão em erupção e seres humanos morrendo.
À direita: painel com notáveis coisas em comum entre os continentes.

Todos os livros sagrados de quase todos os povos da terra, as lendas, os contos, os hieróglifos, os templos e as pirâmides testificam, a seu modo e com pequenas diferenças, do mesmo curso de desenvolvimento. Eles fazem menção aos grandes períodos da

Biblioteca de Alexandria, então o conhecimento que poderíamos ter das civilizações atlante e egípcia, bem como de outros continentes e períodos antecedentes, teria uma amplitude e teor completamente diferentes. O mesmo se aplica aos conquistadores



humanidade e relatam muitos cataclismos, dilúvios e terremotos gigantescos. Continentes são apagados do mapa seja pelo fogo ou pela água, e também por terremotos e erupções vulcânicas ou por grandes inundações. A superfície do planeta está em contínuo movimento. A subida e a descida dos continentes se sucedem Assim, no século XIX, por exemplo, toda a costa da América do Sul elevou-se em curto espaço de tempo entre três e quatro metros acima do nível do mar e baixou logo em seguida. O professor Huxley assegurou que no curso da história as ilhas britânicas haviam desaparecido várias vezes sob as ondas do oceano. E quem não conhece os relatos sobre o tema da lendária Atlântida, que afundou progressivamente nas ondas? Os sacerdotes egípcios haviam falado a Sólon sobre ela, e também Platão, em suas obras, menciona a ilha Poseidônia, o último remanescente desse continente grandioso.

Se o cristianismo crescente não tivesse destruído com um certo fanatismo zeloso a literatura “pagã”, se o imperador Diocleciano, em 296, não tivesse queimado as obras esotéricas dos egípcios, bem como seus livros sobre Alquimia, se o fanático arcebispo Teófilo, cem anos depois, não tivesse incitado o povo a queimar o *Mouséion* e todos os livros da famosa

espanhóis e aos seguidores da igreja romana. Eles destruíram todos os escritos dos maias que representavam uma herança de fabulosos conhecimentos e apagaram todos os traços relativos à sua origem. Somente alguns manuscritos foram salvos e hoje se encontram em Dresden, Paris e Madri.

Em *A Doutrina Secreta*, H. P. Blavatsky explica que diferentes povos atlantes emigraram para a América Central e para o norte da África bem antes do desaparecimento de seu continente e, segundo ela, foram esses povos que construíram as pirâmides de Gizé, muito antes do apogeu da civilização egípcia. Ela também escreve que os atlantes, os asuramaias, passaram seus conhecimentos sobre animais aos egípcios. A questão sobre de quem os egípcios teriam recebido sua avançada cultura e sua ciência é tão atual hoje quanto antigamente. Seguindo os traços das antigas culturas egípcias, os cientistas encontraram provas de que há dez mil anos, a esfinge *estava debaixo das águas!* À luz desses dados não é de admirar o conhecimento dos maias sobre o Universo. Eles possuíam diferentes pirâmides, observatórios astronômicos, templos nos quais, apesar de todas as destruições dos europeus, seu modo de vida ainda é expressado. Essas pedras falam.

ATLÂNTIDA

“O faraó enviou uma expedição para o ocidente com a missão de pesquisar os vestígios da Atlântida, o país de onde há 3350 anos vieram os ancestrais dos egípcios, que trouxeram consigo todo o conhecimento da casa de seu pai.”

Foi assim que uma notável parte de escritos da Segunda Dinastia (2853-2734 a.C.) do antigo Egito chegou até nós. Heinrich Schliemann (1822-1890), o descobridor da lendária Tróia, depositou, pouco antes de sua morte, no cofre de um banco parisiense, o papiro que contém esses textos. Em uma carta lacrada, ele descreve suas interpretações do texto, que provavelmente tem 5000 anos.

VERDADEIRO OU FALSO?

Há muitas pessoas para quem é irrefutável que a Atlântida existiu. Elas acreditam nisso incondicionalmente. Outras consideram essa idéia um disparate e a ignoram a despeito de tudo o que possa ser dito, sugerido ou mesmo provado. Nem o darwinismo, nem o cristianismo levam em conta esse episódio da história da humanidade.

Aproximadamente há 2500 anos, Platão escreveu *Timeu e Crítias*, onde Sólon, o estadista grego, fala da Atlântida, de acordo com o que ouviu dos sacerdotes de Saís, no Egito. Esses sacerdotes dispunham de um

conhecimento secreto, transmitido aos gregos mil anos mais tarde, razão pela qual um homem como Pitágoras viajou até o Egito para estudá-lo. Sólon foi confrontado, entre outras coisas, com as inscrições gravadas nos pilares do templo da deusa Neith. Essas inscrições guardavam um tesouro de informações bastante concretas a respeito da Atlântida. Os sábios egípcios já há muito possuíam esses conhecimentos.

Não sem uma certa ironia, eles lhe disseram: “Ó Sólon, Sólon, vós, gregos, sempre crianças: um grego nunca é velho”. Como Sólon se espantasse diante dessas palavras, foi-lhe dito: “Sois jovens o quanto sois por vossa alma, pois nela não tendes nenhuma opinião antiga, nem nenhuma ciência encanecida pelo tempo. E eis a razão: os homens foram destruídos, e o serão ainda, de muitas maneiras, pelo fogo e pela água; tiveram lugar as destruições mais graves, mas as houve menores, de mil outras maneiras”.

Em seguida Sólon foi instruído sobre essas coisas por um relatório minucioso em forma de mito. “A capital era provida de múltiplas fontes naturais e o alimento era abundante. Altas montanhas abrigavam a cidade do vento norte. Nas pradarias passeavam em liberdade os cavalos e os elefantes se abeberavam nos lagos e nos rios. Essa ilha paradisíaca conhecia o governo de dois reis, e os habitantes viviam ali em perfeita harmonia”.

Em *Crítias*, Platão é explícito quan-



to ao tempo e à localização da Atlântida. Esta se situava ao longo das Colunas de Hércules. Os sacerdotes egípcios explicam a Sólon: “Com efeito, nossas escrituras relatam como vossa cidade outrora aniquilou a insolente potência que invadia de um só golpe a Europa e toda a Ásia, e que sobre ela se lançava do fundo do oceano Atlântico. Pois naquele tempo podia-se atravessar este mar. Ele tinha uma ilha, diante daquela passagem que vós gregos chamais de ‘Colunas de Hércules’. Essa ilha era maior que a Líbia e a Ásia reunidas. E os viajores daqueles tempos podiam passar dessa ilha para as outras, e destas podiam alcançar todo o continente na margem oposta daquele mar, que verdadeiramente merecia seu nome”. Em

resumo, parece que a Atlântida teria sido um imenso reino insular que afundou progressivamente no oceano, inclusive Poseidônia, a última ilha, que se estendia a oeste das Colunas de Hércules, ou seja, Gibraltar.

Há ainda a hipótese de que o impacto de um asteróide no Oceano Atlântico teria provocado um gigantesco maremoto: entre 17.000 e 7.000 anos a.C. o planeta teria passado por várias grandes mudanças climáticas. Um derretimento rápido de geleiras com quilômetros de espessura teria feito subir cerca de 1,20m o nível dos mares e dos oceanos. Por volta de 11.600 a.C. ter-se-ia produzido um dilúvio mundial ou um maremoto gigantesco, acompanhado de uma intensificação da atividade vulcânica e

Mapa do continente da Atlântida, tirado do livro com o mesmo nome, de W. Scott-Elliot (1906).

MANUSCRITO TROANO

No British Museum de Londres está o famoso manuscrito Troano, que data de aproximadamente 3.500 anos, e foi escrito pelos maias do Iucatã. Ele descreve o desastre que levou ao afundamento da ilha Poseidônia:

“No ano 6 de Kan, no 11 Muluc da lua Zac aconteceram terríveis terremotos, que abalaram a terra sem interrupção até o 13 Chuen. A região das colinas de argila, a terra de Mu, ergueu-se por duas vezes e desapareceu durante a noite. Após ter sido constantemente sacudida pelas forças vulcânicas, a terra afundou em vários lugares e reapareceu até que a superfície finalmente cedeu, deslocando os dez países. Sob o impulso das águas, eles foram tragados com seus 64 milhões de habitantes, 8060 anos antes deste livro ser escrito.”

de grandes sismos. Foram encontrados conchas e restos de animais marinhos junto da Grande Pirâmide de Gisé; a datação com o carbono 14 revelou que devem ter uns 11.600 anos, o que corrobora esses fenômenos.

Nas Bahamas, próximo às ilhas Bimini, mergulhadores descobriram em águas profundas uma muralha de pedra de 600 metros de comprimento, recobertas de raízes de plantas de mangue fossilizadas; o carbono 14 revelou que devem existir há uns 12.000 anos. O mesmo gênero de ajuntamento de blocos de pedras pode ser visto nas cercanias da costa do Marrocos, da Espanha e da Ilhas

Canárias. E o que devemos pensar sobre esses fragmentos de lava que foram pescados a uma profundidade de 3.000 metros, ao norte dos Açores? Parece que essa lava solidificou-se ao ar livre, por conseguinte acima do nível do mar. Do mesmo modo, as formações de corais do platô dos Açores não poderiam ter sido empurradas a essa profundidade.

Numerosas outras pesquisas científicas, de maior ou de menor envergadura, mostram ou permitem-nos supor que tenham existido terras no meio do Atlântico. E isto permite-nos considerar sob uma outra luz as analogias verificadas na América e na África, na Europa e na Ásia. Existem, em todo o mundo, mais de quinhentos “relatos sobre a criação” que mencionam semelhante catástrofe.

A ATLÂNTIDA COMO BERÇO

Os papiros de Schliemann e o relatório de Sólon apresentam surpreendentes pontos em comum. De acordo com os papiros, os atlantes que emigraram para o Egito levando consigo todo o conhecimento relacionado à sua civilização são os ancestrais dos antigos egípcios. Há muito tempo, antes da imersão definitiva de sua pátria, eles teriam se instalado no Egito e se integrado à população.

Dito de outro modo: a Atlântida seria de fato o berço da civilização egípcia, o que explica o rápido desenvolvimento da cultura desta última. Ademais, é muito provável que ela tenha sido também o berço da civilização pré-colombiana.

Um baixo-relevo de origem maia apresenta numerosas evocações da submersão da Atlântida no oceano. Pode-se ver uma pirâmide-templo afundando nas ondas, um vulcão em

erupção, um afogado no mar, o que nos leva a pensar que muita gente pereceu desse modo nessa catástrofe, enquanto alguns conseguiram fugir em embarcações.

Relatos muito antigos atestam que os ancestrais dos astecas chegaram por mar provindo de uma pátria lendária: Aztlã, um país maravilhoso mencionado pela tradição como “Ilha Branca”, onde sete grutas lhes serviram de abrigo. Um desenho de uma época antiga mostra Aztlã cercada de água enquanto um homem se afasta da ilha, remando. As tribos de Aztlã que atracaram às margens do continente americano foram, por isso, chamadas de astecas pelos invasores espanhóis. Um desses povos vive no México.

AS COSMOLOGIAS

As diversas cosmologias que descrevem o desenvolvimento da humanidade até a época atual, denominada época ariana, falam de uma grande civilização atlante composta de sete raças que surgiram após o período lemuriano.

Helena P. Blavatsky, Rudolf Steiner e Max Heindel, bem como Jan van Rijckenborgh e Catharose de Petri, dão amplas explicações sobre o assunto em seus escritos e alocuções.

Segundo William Scott-Elliot, a Atlântida alcançou o seu apogeu nos tempos da terceira raça, os toltecas, que se tornaram ilustres devido à sua notável arquitetura. Mas, com o aparecimento dos turanianos e de seu poder autoconservador, manifestou-se a imersão progressiva das terras atlantes no oceano: a interpretação esotérica do acontecimento imputa a causa à degenerescência espiritual de seu povo. Em *A doutrina secreta*, H.P.



Blavatsky explica que os descendentes dos asuramaias (os atlantes) emigraram para a península do Iucatã e ainda mais distante a oeste. Isso levamos a supor que eles já sabiam da sorte reservada à sua terra natal.

Assim ensinaram os sábios egípcios a Sólon: “Os homens foram destruídos, e o serão ainda, de muitas maneiras”. O acúmulo de tensões atmosféricas desencadeia cataclismos geológicos que se constituem em grandes mudanças na história da terra, tal como atualmente isso parece se anunciar com as mudanças que vêm acontecendo com as radiações provenientes do cosmo. O próprio fato de tais informações serem percebidas na esfera astral da terra mostra que em todo o planeta existem grupos de pessoas que podem ver, de antemão, a data marcada de um naufrágio deste mundo. Contudo, não é possível

Fuga dos mexicanos para Aztlã, a lendária Ilha Branca, a mítica pátria dos maias. Códice Boturini.

adiantar nada a esse respeito, porquanto a ocorrência de novas circunstâncias possibilitaria à terra e à humanidade elevarem-se a um nível superior de consciência. É por esta razão, sem dúvida, que os maias diziam que “o quinto sol deve brilhar”.

A humanidade retira suas forças do campo energético central da terra. A terra recebe a energia do sol, o sol recebe a energia da galáxia e assim por diante. Levando esse raciocínio um pouco mais adiante, pode-se afirmar que o átomo, como portador de consciência, é idêntico ao conjunto da onimanifestação material. As mais recentes descobertas concluem que a consciência individual separada não existe, muito embora nós a sintamos como tal.

O campo magnético que envolve tudo, inclusive o domínio terrestre, corresponde, nos ensinamentos esotéricos, aos “registros akáshicos”, onde estão registrados todos os acontecimentos e experiências ocorridos no espaço-tempo. A criação constitui um todo infinitamente mais importante que nosso pequeno desenvolvimento terrestre. Nosso Universo tridimensional no espaço-tempo possui a mais baixa frequência e é o mais denso de toda criação. Os universos multidimensionais e seus campos energéticos se elevam muito acima dele e pertencem a uma outra ordem. Suas radiações dirigem e mantêm nosso Universo. Isso está expresso na sentença hermética: “Assim como em cima, assim é embaixo”.

Isto é confirmado pelos grandes estágios evolutivos da criação, inclusive em nossa pequena porção do Universo, na terra onde vivemos, e particularmente no próprio homem.

A civilização atlante experimentou um grande desenvolvimento no

decorrer do qual a humanidade se defrontou com um incessante combate entre a Luz regeneradora e as trevas limitadoras, combate esse que possibilita um progresso, uma expansão interior.

Na época atual em que assistimos a liberação inútil de energia atômica na atmosfera, ou vemos a energia cósmica que alimenta a terra pelo pólo norte ser perturbada de modo irresponsável, apresenta-se a seguinte pergunta: “A Luz não estaria em vias de se perder?” Nós não o sabemos. O certo é que cada ser humano que está apto para liberar esta Luz pode causar uma reviravolta nesse combate.

ONDE A LUZ UM DIA BRILHOU...

A alma dos indígenas mexicanos sempre esteve voltada para o mundo invisível, o mundo dos ancestrais, o mundo dos verdadeiros viventes. Para eles, o mais alto ideal é o triunfo interior sobre “o mundo inferior” (o mundo visível e seu reflexo enganador no invisível) e o ingresso na natureza superior. Aquele que o consegue é um verdadeiro guerreiro: um homem que venceu a si mesmo. Então, é-lhe concedido ornamentar a cabeça com plumas de águia, a força do Espírito. Este é um símbolo cujo sentido profundo acaba tocando o ser interior até que a imagem exterior desapareça.

As lendas, os mitos e testemunhos que ainda restam dos antigos indígenas da América Central são de grande espiritualidade. Neles reconhecemos a mesma força universal e a mesma inspiração que originaram os ritos sagrados dos povos antigos, da Índia à Grécia e do Egito à Galiléia. No México, foi Quetzalcoatl e Kukulcã ou Gucumatz, o deus-serpente emplumado, mensageiro da eternidade, o portador da Luz da qual o sol era o símbolo.

Na Antigüidade, o sol era uma alegoria usada para designar o “Altíssimo”, o “muito puro”, a divindade mesma. O sol era o símbolo da verdadeira natureza, da força propulsora, e também era experimentado como a força espiritual por trás do sol visível: o símbolo do divino no homem. No

coração humano, as trevas, aparentemente sempre vitoriosas, combatem a Luz. Mas a Luz, que vem de Deus, dá-se incessantemente em sacrifício às trevas. Nelas ela se dissolve... e sempre triunfa. Este é o drama universal do – e no – homem. Eis por que não devemos nos espantar ao descobrirmos mais uma vez essa mensagem secular, a essência de toda religião verdadeira, fundamentada num princípio único que se exprime em diversos símbolos e mitos através do mundo.

DEUS ESTÁ OCULTO EM CADA
SER HUMANO!

Os sistemas religiosos ocidentais impuseram, com violência, uma divindade que teria se manifestado num contexto histórico, e do segundo ao quarto séculos de nossa era uma história adaptada do cristianismo se estabeleceu. Uma grande parte da humanidade foi levada a crer que um único e mesmo homem, Jesus, seria o próprio Deus encarnado excluindo, desse modo, a idéia da presença divina no ser humano. Muito do que foi inculcado ao ocidental, particularmente a idéia de uma manifestação histórica de Deus, na realidade não passa de um mito universal interpretado de modo falacioso. Esse mito transmite uma suprema verdade interior, bem como a possibilidade de sua manifestação, porém não tem qualquer sentido no plano histórico e jamais foi um fim em si mesmo.



O espanhol Francisco Pizarro, causador de terríveis danos entre os indígenas do Peru e da Bolívia, relatou que as crenças e ritos dos maias e dos astecas apresentavam semelhanças notáveis com os do cristianismo. Após a conquista, há 500 anos, os espanhóis impuseram o catolicismo às populações indígenas da América Central, o que deixou, até os dias de hoje, marcas profundas. O conquistador Hernán Cortés queria – como ele próprio disse em seu diário – “extirpar a alma dos indígenas”, pois, segundo ele, “fora Satã quem havia ensinado aos mexicanos as coisas que Deus ensinara aos cristãos”. Mesmo aplicando os mais atrozes meios para conseguir seu intento, Cortés não obteve sucesso.

Atualmente, existem no México grupos religiosos de todas as tendências, uma dezena dos quais ainda conserva as antigas tradições. Oitenta por cento da população pertence oficialmente às igrejas cristãs, porém esse número está diminuindo, assim como está acontecendo em todo mundo. Em seguida, vêm os movimentos de natureza mais ou menos esotérica,

formados de pessoas convictas de que Deus habita em segredo no mais profundo do ser humano e que o objetivo da existência é fazê-lo ressurgir.

UMA CARTA NOTÁVEL

Em Guadalajara, uma das maiores cidades do México, há um grupo do gênero acima descrito, cuja busca deu uma guinada decisiva em 2001. Os membros desse grupo entraram em contato com o Lectorium Rosicrucianum de Haarlem, Holanda, através de seu Núcleo em Zaragoza, na Espanha. Na inauguração de seu primeiro Núcleo, em 26 de novembro de 2004, em Guadalajara, foi lida a carta que um dos buscadores havia escrito especialmente para essa ocasião, onde sua busca era relatada:

“[Em nosso grupo] percorremos vários caminhos e muitas pessoas se juntaram a nós. O ano de 2001 foi decisivo para nós, embora a busca espiritual à qual nos tínhamos entregado ainda se apresentasse infrutífera. Tínhamos encontrado alguns livros dos grão-mestres do Lectorium Rosi-

crucianum que correspondiam à aspiração mais profunda de nossos corações: a mensagem da libertação! Esses livros estavam em uma de nossas bibliotecas há sete anos sem que os tivéssemos notado. Tão logo foram descobertos, aconteceu uma grande mudança em nosso grupo. Esses livros eram: *O advento do novo homem*, *Dei gloria intacta* e *A fraternidade de Shamballa*. A leitura desses livros nos transformou a todos. A confusão do grupo chegou ao auge quando esses livros nos fizeram compreender que, até então, havíamos dirigido nossos esforços em má direção e seguido por longo tempo uma falsa pista. Na Páscoa desse mesmo ano renunciamos a nossas antigas práticas – em realidade fundamentadas no ocultismo – e ingressamos em uma nova fase.

Quando compreendemos o grande valor dessas publicações, fizemos o possível para reunir todas as informações disponíveis, pois queríamos saber um pouco mais a respeito das perspectivas que elas ofereciam. Buscamos em todas as livrarias de nossa cidade por outros títulos dos mesmos autores, sem conseguirmos descobrir mais que cinco. Ao mesmo tempo, entramos em contato com um portavoz do grupo espanhol graças à intermediação de um líder do grupo. As práticas anteriores foram suspensas, e o grupo que se havia formado, após a leitura dos livros disponíveis, devorou as informações recebidas: todos passaram a se encontrar para, durante as reuniões nos parques ou nas casas de amigos, ler e comentar os textos, o que suscitou grande e profunda atividade interior.

Em dezembro de 2001 aguardávamos as reações da Espanha. Em seguida, os editores, com quem havíamos

entrado em contato, programaram sua vinda a esta cidade para janeiro de 2002. Alguns dias antes do Natal, fomos comunicada a impossibilidade dessa visita em razão de certos impedimentos. Profundamente decepcionados, decidimos, então, que seríamos nós que iríamos até eles, já que os editores não podiam vir até aqui. Foi assim que, em fevereiro de 2002, os responsáveis pelo grupo cruzaram o oceano, tendo como única certeza a aspiração de seu coração. Nós que aqui ficamos, sabendo da importância do acontecimento, permanecemos em contato com eles através de e-mails. Isso era o bastante para acender em nós um fogo ainda mais ardente. Ora, antes mesmo que esse primeiro grupo voltasse, foi estabelecida uma segunda missão: sete pessoas se preparariam imediatamente para viajar.

A notícia sobre a existência de uma organização religiosa, de uma organização internacional que praticava o que estava escrito nos livros, foi uma enorme surpresa. Nossos amigos foram adquirir ainda mais conhecimento e voltaram com uma só mensagem: transmitir o ensinamento e partilhá-lo com outros. Que podiam eles partilhar? A pequena chama que haviam recebido na Europa e que

Luz Nova em
Zapotlán:
Lectorium
Rosicrucianum.



ardia em seus corações! Cheios de entusiasmo e de ardor, graças aos novos livros recebidos da Espanha, consagramos o resto do ano a nos aprofundar nos diferentes assuntos.

A primeira visita dos amigos da Europa aconteceu em junho de 2002 e, nessa mesma semana, foi organizada a primeira palestra pública na pequena cidade de Juanacatlan, Jalisco. A partir de então, tudo mudou, nada mais foi como antes. Seria essa a primeira etapa que levaria à abertura de um primeiro Núcleo da Gnosis nesta latitude? Sem dúvida, podemos responder a essa pergunta se pensarmos nas antigas tradições de nosso país:

- nos maias e no lendário rei Kukulcã, dotados de sabedoria e conhecimento;
- nos astecas, com Quetzalcoatl, o filho da Serpente Emplumada: com plumas de águia que simbolizam a nova faculdade pensante, o novo poder mental que emana do segundo batismo, o batismo de fogo, representado em nossa bandeira nacional pela águia que devora uma serpente;
- em Huachimontones, um lugar de pesquisas arqueológicas, a sessenta quilômetros apenas de nossa cidade (Guadalajara). Esse lugar é agora conhecido pelo nome de Teuchitlã (o lugar do primeiro e único Deus), com suas pirâmides circulares, suas cidadelas de treze níveis, e seu conhecimento da inclinação dada pela famosa relação 7/4 dos templos maias de há dois mil anos: o período do impulso crístico.

O caminho, hoje, não é fácil: além do confronto da personalidade com outras personalidades, é preciso trabalhar na senda estreita que conduz à

realização da Grande Obra. Isso somente é possível se a Gnosis atuar nos homens, se ela se expressar neles e os purificar. Hoje, após muitas dificuldades e obstáculos, vivenciamos esse dia tão esperado da consagração do primeiro templo mexicano do Lectorium Rosicrucianum. Se considerarmos o que precede, no tocante ao novo Núcleo, cabe aqui confirmar a sentença que diz: “um templo consagrado à Luz da Gnosis é reaberto onde a Luz, um dia, brilhou com grande intensidade!”

BIBLIOGRAFIA

- Anônimo: *O evangelho dos doze santos*. São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1985.
- Bíblia, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, tradução J.F. Almeida, 1995.
- Blavatsky, H.P., *A doutrina secreta*. São Paulo: Pensamento, 1974.
- Calleman, C.J., *De mayakalender en de transformatie van het bewustzijn*. Deventer: Ankh-Hermes, 2004.
- Calleros, M.A.V., *Chizén Itzá, la ruta iniciática de los mayas*, Edição do autor, 1996.
- Collins, A., *Gateway to Atlantis*, Londres: Headline Books, 2000.
- Cordan, W., *Popol Vuh, het heilig boek van de Mayas*. Deventer: Ankh-Hermes, 1977.
- Cotterell, M., *Voorspellingen van Toet en Amon*. Viena: The House of Books, 2001.
- Donnelly, I., *Atlantis, the antediluvian world*. Nova Iorque, sem data.
- Gallenkamp, C., *Maya, het raadsel van een verloren en hervonden beschaving*. Amsterdã: Elsevier, 1963.
- Gilbert, A. & Cotterell, M., *The Mayan profecies*. Schaftesburg: Element Books, 1995.
- Girard, R., *Esotericism of the Popol Vuh*. Pasadena: Theosophical University Press, 1979.
- Hancock, G., *Spiegel van de hemel*. Baarn: Tirion, 1998.
- Hancock, G., *Underwereld*. Baarn: Tirion, 2005
- Hancock, G., *Het ontstaan en einde van alles*. Baarn: Tirion, 1998.
- Harpur, T., *De 'heidense' Christus, herontdekking van het verloren*. Deventer: Ankh-Hermes, 2004.
- Heindel, M., *Conceito Rosacruz do cosmos*, 2 ed. São Paulo: Fraternidade Rosacruz, 1977.
- Jenkins, J. M., *Het einde van de Maya kalender 2012: Decodering van de Maya cosmogenesis*. Deventer: Ankh-Hermes, 1998.
- Jones, D.M. & Moyneaux, B. L., *Mythology of the american nations*. Londres: Hermes House Publ., 2001.
- Knibb, M. A., *Het boek Henoch, het eerste*. Deventer: Ankh-Hermes, 1983.
- Laslo, E., *Kosmiche visie: wetenschap en het Akasha-veld*. Deventer: Ankh-Hermes, 2004.
- McTaggart, L., *Het veld. De zoektocht naar de geheime kracht van het universum*. Deventer: Ankh-Hermes, 2004.
- Morley, S. G. & Brainard, G.W., *The ancient Maya*. Stanford University Press, 1985.
- Parsons, C. E., *Mitla town of the souls and others Zapotec-speaking pueblos of Oaxaca, México*. Chicago: 1936.
- Petri, C. de, *O Verbo vivente*. Jarinu: Rosacruz, em preparação.
- Platão, *Timeu e Crítias*. São Paulo, Hemus, 2002.
- Ramaswamy, S., *The lost land of Lemuria*. Berkely University Press, 2004.
- Rijkenborgh, J, v., *O apocalipse da nova era*. (Em preparação).
- Rijkenborgh, J, v., *A arquignosis egípcia*, t. 4. São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1991.
- Rijkenborgh, J, v., *O chamado da Fraternidade Rosacruz*. Jarinu: Rosacruz, 2004.
- Rijkenborgh, J, v., *Confessio da Fraternidade da Rosacruz*. São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1987.
- Rijkenborgh, J, v., *Filosofia elementar da Rosacruz moderna*. Jarinu: Rosacruz, 2003.
- Sahagun, B. de, *1499-1590. General history of the things of New Spain*, coletânea de vários textos. Santa Fé: 1950-75.
- Schele, L. & Freidel, D., *A forest of kings. The untold story of the ancient Maya*. Nova Iorque: William Morrow, 1990.
- Schepel, S., *Enuma elisj*. Deventer: Ankh-Hermes, 2002.
- Séjourné, L., *Burning in water: tought and religion in ancient Mexico*. Berkely: Shambala, 1976.
- Scott-Elliot, W., *The story of Atlantis*. Londres: Theos. Publ. Soc., 1896. Schaftesbury, 1995.
- Slavenburg, J. & Glaudemans, W., *De Nag-Hammadi geschriften*. Deventer: Ankh-Hermes, 2004.
- Toonen, P., *De natuurlijke tijd. Berichten van de oude maya's voor de nieuwe tijde*. Laren: Petiet, 2002.
- Zwaal, N., *De Maya dragers van universele wijsheid*. Amsterdã: De Morgenster, 2005.



CHAC MOOL

Chac Mool é o nome de uma estátua maia de uma pessoa numa estranha posição “deitada-sentada”.

Ela é a mesa de oferenda de muitos templos.

Sobre seu ventre Chac Mool carrega um grande disco solar e sobre seu coração está uma borboleta.

Chac Mool significa literalmente jaguar vermelho.

Existe uma antiga lenda no México que fala de um jaguar branco que, através do sangue sagrado, é colorido de vermelho e, iluminado pelo sol, transforma-se em um jaguar dourado.